

A concorrência estimulou a reduzir custos e a conectividade dos pobres incluiu-os na corrente tecnológica que flui pela Índia

Crescimento inclusivo? A Índia faz pensar...

O impacto da crise nos países ricos focou as atenções sobre a Índia, com todo o mistério e encanto que ela encerra: uma democracia de 1.200 milhões que funciona, mostrando o seu valor, com forte crescimento baseado num modelo de livre iniciativa dos seus empreendedores, que é ao mesmo tempo de crescimento inclusivo, envolvendo também os mais pobres e deserdados da fortuna.

As taxas de crescimento da economia "contabilizada" foram, nos últimos anos antes da crise, de 9,4, 9,6 e 9,0%, de 6,7% no ano de crise, de 8,0% no ano seguinte, esperando-se que volte a ser de 8,8% em 2010/11. Qual o seu segredo, pergunta-se?

Partia de níveis baixíssimos de rendimento, pois o colonialismo e os 40 anos de "socialismo indiano" deixaram-na na miséria. Só a abertura à livre iniciativa devolveu aos seus empresários a capacidade de fazerem proezas com enorme rapidez, que causa admiração.

Três exemplos simples, para concretizar:

1. O sector das telecomunicações - estatizado, com duas empresas a funcionarem pessimamente - tinha 37 milhões de linhas de rede fixa em 1991. Em 1994/5, o sector é aberto à iniciativa privada e concedem-se muitas licenças de exploração para a telefonia móvel. Rapidamente, o sector ganha pujança, num ambiente de sã concorrência, a tal ponto que hoje existem os mesmos 36,5 milhões de linhas fixas e mais de 752 milhões de linhas de rede móvel! Acrescentam-se mensalmente mais de 18 milhões de clientes... (Fev. 2011).

É que os indianos gostam de perder tempo ao telefone? De nenhum modo. O telefone é apenas uma ferramenta de trabalho, pela qual um artesão, pescador, agricultor, etc., aumenta as suas receitas, estando contactável para os trabalhos e negociando preços.

A concorrência estimulou a reduzir custos, tornando o telefone acessível, tanto pelo custo de aquisição como pelo de comunicação para qualquer ponto da Índia, que são os mais baixos do mundo! Apesar disso, todas as empresas operadoras são lucrativas. A conectividade dos pobres incluiu-os na corrente tecnológica que flui pela Índia.



**Eugénio
Viassa
Monteiro**

2. Cuidados de saúde: o cirurgião cardiologista dr. Devi Shetty tem o Hospital Narayana em Bangalore, com 1.000 camas, no qual fazia até há pouco cerca de 5.800 cirurgias de *by-pass* coronário por ano, em adultos e crianças. A sua obsessão era dar cuidados de saúde de alta qualidade a todos, mesmo aos sem posses.

Utilizou todos os meios para reduzir os custos da cirurgia: hospitais grandes, para criar efeito de escala, negociar bem o valor dos equipamentos e consumíveis, hotelaria diferenciada para cobrar mais aos que podem e, com isso, cobrir os gastos dos que não podem, etc. Mas, mesmo assim, ficavam muitos de fora.

Então, com a cumplicidade do Governo de Karnataka, vislumbrou um plano de micro-seguros de saúde, mediante prémios muito reduzidos por pessoa (2€/ano), habilitando a receber tratamentos e cirurgias necessárias; o Estado cobra o micro-seguro e paga ao hospital um valor prefixado por tipo de tratamento ou cirurgia.

O dr. Shetty dispõe actualmente de 3.000 camas e anunciou que antes de 2015 terá mais de 30.000, que estão em construção nas "Cidades de Saúde", cada uma com 5.000 camas, com todas as especialidades, em Bangalore, em Calcutá, em Hyderabad, em Jaipur, em Ahmedabad, etc.

Qualquer pessoa que chega ao seu hospital é sempre atendida, mesmo sem nada para pagar. Muitos contribuem para dar amplitude ao seu projecto: a dra. Mazumdar Shaw, presidente da Biocon, a maior empresa de biotecnologia indiana e a quarta mundial, construiu um hospital de 1.400 camas dedicado ao cancro; Dinesh, um dos fundadores da Infosys, construiu um hospital para o transplante de órgãos; outro, construiu um hospital de Oftalmologia com 300 camas; todos estes hospitais fazem parte do complexo hospitalar dirigido pelo dr. Shetty. Comentava ele que havia novos milionários de TI feitos com o trabalho honesto e que se dispõem a contribuir para a sociedade; em concreto, refere-se a um grupo de empresários das PME, de Bangalore, que mensalmente lhe entregam um cheque para custear 60 operações pediátricas ao coração. As crianças são tratadas gratuitamente no Narayana.



De mais de 800 pontos da Índia, Ásia e África, podem-se contactar os hospitais Narayana e há 56 cidades conectadas à rede

empresas desenvolveram um aparelho para filtrar água para se beber sem receio de intoxicações, a um preço ultraleve. Outra, vende um minifrigorífico de baixo custo; outra ainda, um forno de lenha de alto rendimento calorífico, que custa um valor irrisório.

Não falando do carro Nano, da Tata, que custa 2.000€, e foi um êxito directo e, sobretudo, indirecto. Não há marca conhecida - os sete gigantes de automóveis - que não tenha investimentos superiores a \$500 milhões cada uma, para produzir carros subcompactos, para os vender na Índia ou exportar para os continentes asiático, africano ou latino-americano.

Tudo isto são práticas que fazem de passaporte para os pobres poderem ter uma vida decente. *Presidente da AAPI, professor da AESE e autor do livro O Despertar da Índia*